

Lula assume candidatura

‘Estou candidato, sou candidato e vou trabalhar para ganhar as eleições’

SÓCRATES ARANTES

DEPOIS de fortes cobranças - e também de maciças injeções de ânimo - do Diretório Nacional do PT, reunido ontem em Brasília, Luiz Inácio Lula da Silva espantou o pessimismo da véspera e assumiu de vez a candidatura do partido à Presidência da República. Lula anunciou ontem, em entrevista coletiva, que a partir de 10 de janeiro começa a viajar pelo Brasil, em plena campanha - a terceira ao Palácio do Planalto. “Desde ontem (quinta-feira), estou candidato, sou candidato e vou trabalhar para ganhar as eleições”, disse com ênfase.

E para justificar o desânimo anterior, o petista acrescentou: “Passei três anos trabalhando com a idéia de que não seria mais candidato, mas o partido se convenceu de que eu deveria ser. Vocês estavam vendo uma pessoa que não queria disputar uma eleição”, desculpou-se Lula.

Emprego - O tema central da campanha vai ser o emprego, como forma de combater o elevado índice de desemprego no País e a ausência de uma política governamental para o setor. “Nós precisamos transformar o desemprego numa questão política, porque por enquanto ele é apenas um problema social. Todo mundo sabe que ele existe, mas quando o desempregado não está se manifestando, esse problema político não aparece”, explicitou o candidato petista.

“É preciso gerar o problema político para que as autoridades se dêem conta de que a política econômica em vigor está gerando milhões de chefes de família sem emprego”, completou.

Lula criticou - como candidato de oposição - a forma, segundo ele, “cômica” como o presidente Fernando Henrique Cardoso aceita trabalhar apenas com os índices do IBGE, que “dá para ele uma mentira do tamanho do mundo. Se o presidente da República quisesse pesquisar a 200 metros do Palácio do

Planalto ia perceber que há muito mais de 5% de desempregados”. O candidato petista quer que os sem-emprego façam manifestações em locais de grande afluência de público, por “onde transitam milhares de pessoas”.

Ameaça - O líder petista citou como exemplo do êxito dessa organização a aceleração da reforma agrária, a partir do Movimento dos Sem Terra, mas descartou as invasões, uma das táticas de ação do MST. No lançamento da candidatura de Lula, na quinta-feira, o presidente do MST, João Pedro Stédile, havia sugerido uma ação idêntica a do MST para estatizar os bancos, mas o próprio Lula retrucou que precisava de um “movimento para ocupar as urnas”.

Na realidade, Lula pretende mobilizar politicamente os desempregados, mas de forma pacífica e não radical - ao contrário do MST -, de modo a ter o apoio de todos os segmentos da sociedade, inclusive a classe média, e não apenas os de baixa renda. A identificação do PT com o radicalismo do MST é uma ameaça às pretensões eleitorais de Lula, que ele ontem procurou desde logo exorcizar.

Enquanto na véspera, Stédile fez críticas diretas ao candidato do PT - “Em vez de marcar jantares com empresários, venha tomar café da manhã com os trabalhadores e nós vamos arrecadar nem que seja um real de cada família brasileira para financiar a sua campanha” -, ontem foi a vez de Lula circunscrever as afirmações do presidente do MST à órbita dos sem-terra: “O Partido dos Trabalhadores não tem no seu programa a ocupação de bancos. O companheiro João Stédile é maior de idade e ele se responsabiliza pelas suas declarações, porque ele tem uma lógica própria dos sem-terra, que não é a lógica de um partido político. E não é o candidato a presidente do partido que tem de ficar respondendo cada coisa que é falada em palanque, onde muitas vezes se procura o aplauso”, disse Lula.

Fotos: Geraldo Magela



Lula, ao lado de Tarso Genro, diz que o combate ao desemprego vai ser o tema central da sua campanha